



# Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas  
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos  
(Organizadoras)

EDITORA  
**UnB 60**



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

# Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas  
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos  
(Organizadoras)

EDITORA  
UnB 60 

**Equipe editorial**

**Coordenação de produção editorial** : Marília Carolina de Moraes Florindo

**Revisão** : Denise Pimenta de Oliveira  
: Emily Dias de Matos

**Projeto gráfico** : Cláudia Dias

**Foto de capa** : Inês Ulhôa / Editora UnB

**Ilustrações** : Petchó Silveira

**Fotos de ilustrações** : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta  
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por  
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111      Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras  
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione  
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos  
(organizadoras). – Brasília : Editora  
Universidade de Brasília, 2022.  
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).  
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e  
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação  
afirmativa na educação. 4. Universidade de  
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira  
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# Sumário

---

## **Apresentação**

**“Quando as mulheres negras se movem...” 9**

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos

Parte 1

## **Nossos passos vêm de longe**

**Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17**

Dione Oliveira Moura

**Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23**

Deborah Silva Santos

**Vinte anos do EnegreSer:**

**aprender e fazer História com o movimento negro 29**

Aida Feitosa

Parte 2

## **Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB**

**O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37**

Aline Pereira da Costa

**Alegria da experiência como cotista negra 43**

Andressa Marques da Silva

**E agora sou eu que vivo esta história!** 47

Anna Caroline Costa Silva

**Uma revoada em curso** 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

**Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor** 53

Dalila Noletto Torres

**“Isso é por eu ser uma mulher preta?”** 59

Deborah Carolina Silva Duarte

**É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço** 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

**Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais** 69

Flora Egécia

**Nossas vidas importam** 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

**O sistema de cotas para negros é, sim, um direito** 79

Iara de Jesus dos Santos

**A primeira da família a ingressar no ensino superior** 85

Juciele Fonseca

**Explorar tudo o que a UnB pode oferecer** 87

Julian Esttefane da Silva Reis

**O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras** 91

Kátia Silene Souza de Brito

**Transcender como negra a cada dia** 97

Keila Meireles dos Santos

**A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória** 101

Letícia Bispo

**Ocupar um espaço que pertence ao povo negro** 107

Maria Antônia Perdigão

**Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres** 115

Mariana Paiva Soares

**O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial** 119

Michele Duarte da Silva

**Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB** 127

Vitória Carolina Silva Duarte

**O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região** 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

**Celebrar as vitórias e avançar**

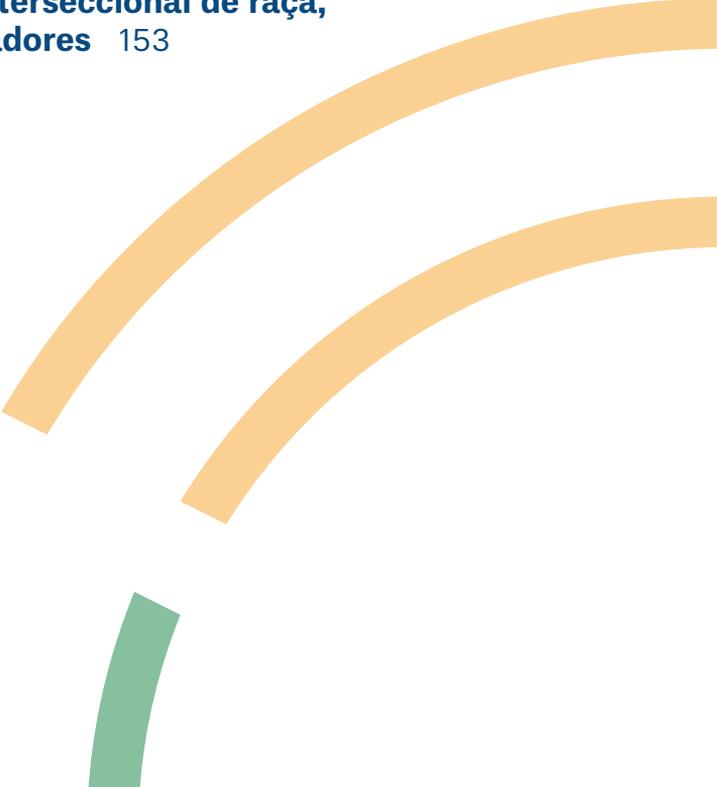
**À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB** 143

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos

**Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores** 153

Renísia Cristina Garcia Filice

**Sobre as autoras** 161







Parte 2

# **Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB**



# Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB

Vitória Carolina Silva Duarte

## Meus pais chegam a Planaltina com uma garotinha na barriga de minha mãe

Como eu cheguei até aqui? Isso começa lá em 1994: dois jovens se conheceram em São Bernardo do Campo-SP. Meus pais, Lucimara e Paulo, se apaixonaram e, depois, quando descobriram que estavam grávidos de mim, vieram “fugidos” para Planaltina de Goiás. Contudo, vamos começar falando sobre minha mãe: ela veio de uma família muito pobre da periferia de São Bernardo e, sendo filha de um pai machista e nordestino, teve que procurar meios para sobreviver. Começou a trabalhar aos 11 anos e sempre teve apoio das minhas avó e bisavó para terminar os estudos. Porém, essa garota sempre quis alçar voos maiores e, com o apoio de uma associação de empresários da cidade, fez Direito em umas das faculdades mais prestigiadas de São Paulo. Sempre se destacando e conseguindo boas oportunidades, foi a primeira analista negra na Indústria Glasurit do Brasil. Quando concluiu a faculdade, trabalhou na Defensoria Pública de São Bernardo do Campo.

Já meu pai teve um caminho um pouco diferente, não teve apoio da família para os estudos, meus avós sempre priorizaram ganhar dinheiro, e não o conhecimento. Ele sempre trabalhou e ajudava a família, sempre foi uma pessoa muito solícita em todos os aspectos, e só conseguiu realizar o sonho de fazer faculdade depois de “velho”. Já tinha passado no concurso público para Policial Militar do Distrito Federal e, depois de ter filhos e de inúmeros casamentos (essa é outra história), fez faculdade de História da Universidade Estadual de Goiás, pois era importante ter o diploma de uma universidade pública.

Meus pais tiveram a coragem de sair do “conforto” das suas casas e vir para a desconhecida Brasília, que na verdade era Planaltina de Goiás, com apenas 40 reais no bolso e a esperança de um futuro melhor para aquela garotinha que estava na barriga. Eles trabalharam e estudaram muito para conseguir repassar a mim os valores que nenhum dinheiro pode dar. Sempre acreditaram em nós – eu e minhas irmãs –, sempre nos incentivaram a estudar, não para sermos melhores que ninguém, mas para sermos nossa melhor versão.

## Escola, acolhimento, diversão e apoio familiar

Minha avó materna, carinhosamente chamada de vó Dinha, conta que morávamos perto de uma escolinha e eu sempre ficava no portão no horário em que as crianças entravam na escola. Minha mãe, então, achou importante para meu desenvolvimento conviver com outras crianças, já que eu convivia com muitos adultos, e me matriculou na escola. Eu me lembro da sensação de acolhimento, de diversão... A escola sempre foi sinônimo disso para mim.

Depois disso, estudei, ainda pequena, em uma escola muito conteudista, mas na qual desenvolvi minhas potencialidades; tive aulas de teatro, de música, de línguas. O Centro Educacional Delta me preparou para o objetivo da minha vida naquele momento, entrar na UnB. Passei em algumas seleções e, quando decidi assumir a vaga para Engenharia Química, os profissionais dessa escola me deram todo o apoio possível.

Mesmo que algumas pessoas, principalmente meus colegas de escola, dissessem que não era justo que eu concorresse pelo sistema de cotas, concorri, não por mim, mas para afirmar que nosso sistema educacional é injusto e que sou um ponto fora da curva, pois tive o privilégio de estudar em escola particular porque meus pais abriram mão de muitas coisas para que eu pudesse usufruir disso.

Minha família, principalmente minha mãe e minha avó, sempre criou um ambiente o melhor possível para que eu pudesse estudar. Além disso, fiz cursinho preparatório e de línguas e não precisei trabalhar para me sustentar, me dedicando integralmente aos estudos. Hoje entendo que isso é um privilégio.

## Finalmente, lá estava eu, Vitória Carolina, na UnB

Cheguei na tão sonhada UnB. Com meus 17 anos estava no curso de Engenharia Química. Ingressei pelo sistema de cotas, que, ao contrário do que muitas pessoas acham, não é o caminho mais fácil. Tive que cumprir todos os requisitos seguidos por meus concorrentes do sistema universal, apenas concorri com menos pessoas. Na minha época, se fazia uma entrevista para verificar se você poderia concorrer ou não no sistema de cotas. Lembro que eu fiquei superassustada, pois tive que assinar um documento atestando que, se não fosse negra, estaria cometendo um crime de falsidade ideológica e que poderia pagar multa e ficar presa por quatro anos. Isso realmente me espantou.

A Engenharia Química foi um amor passageiro, descobrimos que não nascemos uma para a outra, então, decidimos terminar nosso relacionamento. Foi quando resolvi fazer a transferência interna para Engenharia Mecânica. Nunca sofri preconceito por ser negra, mas percebi ao meu redor a falta de negros e principalmente de mulheres negras no meu círculo de amigos. Ainda existe essa mentalidade de que Engenharia é um curso difícil (e é mesmo!) e de que, nós, negros, não somos capazes, o que está muito errado. Temos que provar mais vezes que somos competentes e que merecemos estar lá. Sinto muita falta de referências femininas e negras na minha formação, e sei que o trabalho dessas pessoas é espetacular. O mundo acadêmico precisa

aprender muito e se solidarizar com as pessoas negras, entender que as oportunidades não são as mesmas e que, mesmo que no final todos se formem, alguns sofrem cobranças que outros não sofrem. Alguns de meus colegas precisam trabalhar porque senão não comem, mas seriam excelentes pesquisadores se pudessem dedicar mais tempo à Universidade. Cadê as bolsas de pesquisas? Será que isso não deveria ser levado em conta na entrevista?

Fiz uma pós-graduação na Universidade Cruzeiro do Sul, em Engenharia de Segurança do Trabalho, para complementar minha graduação, pois nos envolvemos muito com projetos e sempre faltou uma formação humana mais aprofundada. No meu trabalho como engenheira mecânica, consigo conciliar a parte teórica do curso e as ferramentas que ela me trouxe, relativas a liderança, resolução de problemas, estabelecimento de confiança, entre outras.

O estudo sempre fez parte da minha vida, não apenas para me profissionalizar, mas também por ser algo que mantém minha mente ativa. Terminei o mestrado em Ciências Mecânicas na UnB (Duarte, 2022) e utilizei, na pesquisa, inferência bayesiana (um método de estatística) para estimar parâmetros de uma viga por meio de uma resposta dinâmica. Já tenho um artigo publicado e pretendo publicar outros. Esse trabalho é o pontapé inicial da minha vida acadêmica, que pelo visto não para. Gosto sempre de salientar que fui a primeira da minha família a me formar numa universidade pública, assim como a primeira a ter mestrado. Isso só foi possível devido ao apoio das mulheres incríveis que me criaram.

Como eu disse, nunca paro de estudar. Então, agora faço doutorado no mesmo Programa em que finalizei o mestrado. Continuo a pesquisa, mas com outra abordagem. Além disso, estou fazendo um curso técnico em mecânica, uma exigência do meu trabalho. Ou seja, me atualizar sempre será meu foco. Entre trabalho, pesquisa e muito estudo, começarei a ministrar aulas em uma pós-graduação em Patologias em Edificações. Espero que seja uma experiência interessante, o pontapé inicial na minha vida de professora.

Entrei no doutorado em Engenharia Mecânica para seguir com minha pesquisa, mas quero fazer a diferença. Quero ser exemplo para as pessoas ao meu redor, mostrar que, com muito trabalho e dedicação, você pode, sim, ser o que quiser.

## Referências

DUARTE, Vitória Carolina Silva. *Estimação de parâmetros de sistemas dinâmicos contínuos usando Inferência Bayesiana*. 2022. Dissertação (Mestrado em Engenharia Mecânica) – Faculdade de Tecnologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2022.



# Sobre as autoras

---

## Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

## Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

### **Aida Feitosa**

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

### **Aline Pereira da Costa**

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroatitude UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

### **Andressa Marques da Silva**

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

### **Anna Caroline Costa Silva**

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

### **Camila Cecilina do Nascimento Martins**

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

### **Dalila Noleto Torres**

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

### **Deborah Carolina Silva Duarte**

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

### **Elen Cristina Ramos dos Santos**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

## Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

## Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

## Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

## Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

## Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

### **Kátia Silene Souza de Brito**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

### **Keila Meireles dos Santos**

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

### **Letícia Bispo**

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

### **Maria Antônia Perdigão**

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

### **Maria Lúcia Martins Gudinho**

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

### **Mariana Paiva Soares**

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

### **Michele Duarte da Silva**

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

### **Renísia Cristina Garcia Filice**

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

### **Vitória Carolina Silva Duarte**

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# Vá no seu tempo e vá até o final:

## mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice